

MEU CORAÇÃO É A LINHA 8 - LIBERDADE

O bairro da Liberdade está situado no alto do planalto que divide Salvador em Cidade Alta e Cidade Baixa, religadas por meio do Plano Inclinado. Mas nem sempre foi assim, no início do século XIX, o sistema de transporte de Salvador era por meio de bondes. A linha que ligava o Centro da cidade com a Liberdade, se chamava **LINHA 8**.

A Liberdade Possui aproximadamente 190 hectares de área, abrangendo localidades como Soledade, Lapinha, Sieiro, Japão, Duque de Caxias, Curuzu, Cravinas, Bairro Guarani, Alegria, Jardim São Cristovão, São Lourenço e parte do Largo do Tanque e da Baixa do Fiscal.

A história do bairro da Liberdade se confunde com a própria formação da cidade. Nome cheio de significado para um lugar que, embora poucos saibam, teve um papel marcante na história da Bahia e do Brasil.

A cidade do Salvador possuía três estradas de acesso: a estrada do Rio Vermelho, a estrada das Brotas e a estrada das Boiadas, esta última a única que ligava a cidade ao resto das províncias. Era uma trilha de terra que servia de percurso para as inúmeras boiadas. Antiga Estrada das Boiadas, o bairro era passagem dos bois que vinham do sertão e eram comercializados na Feira do Capuame (onde hoje é o atual município de Dias D'ávila) e exportado através do porto de Salvador. Em 1823, os brasileiros vencendo a guerra de Independência da Bahia, ali marcharam vitoriosas as tropas que haviam libertado o Estado do jugo colonial português - recebendo, desde então, a velha estrada, o novo nome de "Estrada da Liberdade".

Ainda no contexto histórico, a Liberdade sediou alguns quilombos nos tempos que precederam a Abolição da Escravatura. Com a Lei Áurea, esses núcleos de resistência acabaram dando origem à população negra de hoje, sendo um dos bairros mais populosos de Salvador. Um local muito representativo da cultura negra, o que o fez ser considerado pelo Ministério da Cultura como o território nacional da cultura afro-brasileira..

A Liberdade é cercada por outros bairros igualmente populosos, como Pero Vaz; antigo Corta-Braço, onde surgiu no ano de 1946, a primeira invasão de Salvador provocada por sem-tetos. A história da primeira invasão vem de longe. Até 1802, a Liberdade era zona rural. O fim da cidade era na Soledade. A Lapinha estava fora do perímetro urbano. A zona rural era ladeada por

propriedades de religiosos, sítios, chácaras, etc. Com o advento do progresso, os pardieiros, situados na Sé, Garcia, Passos, nos quais se alojava a população não branca, de baixo poder aquisitivo, começaram a ser demolidos, então o pessoal de poucos recursos migrou para o norte, como a Liberdade. Por outro lado, as classes dominantes que residiam em freguesias como a de Santo Antônio, por exemplo, sentiam-se inferiorizadas pelo convívio com famílias de condição social mais baixa, e aos poucos, foram-se transferindo para lugares mais nobres, ao sul da cidade, como a Barra e Vitória. Por esse período, também estava acontecendo o fluxo migratório das populações interioranas, que se dirigiam a Salvador, como opção de melhoria de trabalho, etc. Sem condição para receber tanta gente, a cidade cresceu para a zona tida como rural, acontecendo o surgimento de novos bairros. Como o antigo Corta-Braço hoje Pero Vaz, que teve início com aquelas invasões, até a rua de Porto Alegre, que dá acesso ao bairro do IAPI.

Acompanhando o crescimento da cidade de Salvador, para onde se dirigia a população rural a fim de fugir da seca que assolava o interior do Estado, o processo de expansão da Liberdade se iniciou nas primeiras décadas do século XX, tendo como via de irradiação desse crescimento a Avenida Lima e Silva, ainda hoje a principal avenida do bairro, que concentra um número significativo de estabelecimentos comerciais e de serviços. Diante desse quadro, na terceira década do século passado, já havia quatro chácaras, situadas no Curuzu, ocupando uma grande parcela da área do bairro.

Paulatinamente, a população da Liberdade aumentou devido ao loteamento e venda das chácaras. Por ser próximo ao centro comercial e financeiro soteropolitano (na época, a Rua Chile e o Comércio), o bairro oferecia um acesso mais fácil ao trabalho, contribuindo para que as pessoas ali desejassem se instalar. A partir desse momento, a ocupação se deu desordenadamente através de invasões, favelização e subsequente urbanização das moradias, por isso é possível encontrar ainda hoje pontos do bairro carentes de infraestrutura e de saneamento básico. Apesar dos inúmeros problemas sociais, a Liberdade consolidou-se como um relevante subcentro da cidade.

A Liberdade possui uma grande concentração populacional. Possui uma vida comunitária própria, podendo ser considerada uma "cidade" própria dentro da metrópole de Salvador.

Na tentativa de atender ao grande contingente populacional do bairro, serviços que, até então, apenas eram oferecidos no centro de Salvador passaram a ser implantados na Liberdade. Dessa maneira, sem precisar sair do bairro, os moradores têm acesso às lojas de departamento, a grandes supermercados, às agências bancárias, dentre outros. Além disso, a Liberdade conta com três shopping centers.

A Feira do Japão é outro ponto bastante conhecido dentro e fora da Liberdade. Localizada em umas das transversais da Avenida Lima e Silva que corta o bairro, a Feira do Japão tem o seu começo marcado por uma placa azul com o seu nome. De acordo com registros da Secretaria Municipal de Serviços Públicos, a Feira do Japão surgiu há cerca de cinquenta anos, numa região anteriormente conhecida como Largo do Japão, com a chegada de grupos de japoneses que instalavam no local seus comércios informais. Atualmente, os moradores encontram nela uma variedade de produtos, como frutas, verduras, frutos do mar, carnes e temperos, de boa qualidade e preço mais acessível do que o dos supermercados. Na Feira do Japão, há também espaço para o comércio de artigos de candomblé e umbanda, religiões bastante difundidas entre a população da Liberdade. Somente na Rua do Curuzu, existem dezesseis terreiros de candomblé, dentre eles, o Ilê Axé Jitolu, internacionalmente conhecido, fundado por Mãe Hilda Jitolu e o Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe, zelado pelo Doté Amilton de Adaem, espaço sagrado tombado pelo município de Salvador, no ano de 2016.

O CARNAVAL DA LIBERDADE

AS BATUCADAS E BLOCOS

O gênero batucado, nas mãos da classe trabalhadora soteropolitana, também se prestou a momentos de afirmação cultural e racial. Digno de nota nesse sentido era um bloco chamado "Preto não é mais lacaio". Esses trezentos e cinquenta ou mais trabalhadores do bairro da Liberdade tiraram o nome do samba "Salve a Princesa Isabel". A letra do samba é reveladora. "Preto não é mais lacaio / Preto não tem mais senhor / ... / Hoje preto pode ser doutor / Deputado e senador". Este é um dos aspectos mais interessantes do mito da democracia racial. Nem os membros da batucada, nem o repórter de um jornal comunista que cobria sua história eram propensos a acreditar que a discriminação racial era inexistente no Brasil. Mas a ideologia da democracia

racial (tanto a oficial quanto a do senso comum) colocou as pessoas negras numa cabeça-de-ponte retórica a partir da qual podiam criticar a discriminação e a desigualdade existentes.

A partir de 1950, o foco da mídia na importância das batucadas para o carnaval estabilizou e começou a recuar. Mesmo assim, embora a cobertura diária do carnaval estivesse menos focada nas batucadas (na medida em que os clubes de elite e, em seguida, o trio elétrico atraíam a maioria das atenções dos jornalistas), elas eram ainda apresentadas como característica central do carnaval da classe trabalhadora nos crescentes subúrbios da cidade e fizeram seu próprio desfile em separado. O Estado da Bahia prestou homenagem ao bairro da Liberdade, com seu "maior número de batucadas, cordões e ranchos", publicando as letras de compositores locais que salientavam que "a turma da Liberdade... sabe batucar". Enquanto isso, o carnaval no bairro do Uruguai foi aberto com "clarins", que deram lugar à "cadência rítmica" e "ritmos primitivos" das batucadas que desencadearam a "animação quase primitiva" das festividades e o "entusiasmo natural dos nossos pobres".

As batucadas eram formadas por homens que saíam fantasiados de casa em casa, tocando instrumentos de percussão e cantando versos improvisados na hora. O Gato Vencedor e Fortaleza do Amor são alguns dos nomes lembrados pelos moradores.

Os afoxés têm origem nos terreiros de candomblé, sendo o Afoxé "Africano Ideal" um dos mais conhecidos, organizado pelo pai da saudosa lalorixá Hilda Jitolu; logo depois, em 1975, surgiu "Os Netos de Gandhi" (hoje conhecido como "Bloco Cultural"). Os afoxés costumavam sair do Largo do Japão, ponto de encontro da gente festeira do bairro.

A "Viuvinha" foi um dos primeiros blocos de carnaval da Liberdade. Era formado apenas por homens que saíam de saia preta, blusa bem justa e cabeleira postiça. No começo, os blocos eram organizados com simplicidade e improvisado, apenas pelo prazer da brincadeira. As fantasias do "Trança Fitas", por exemplo, eram feitas de papel crepom.

Havia um bloco chamado "O Urso", de Antônio Souza Bispo, cujas roupas eram feitas de calhamaço e os pelos eram dos balaios de ovos de samambaia. Um rapaz chamado "Tourinho" entrava na roupa do urso e saía pelo bairro acompanhado pelos brincantes. Na década de 60 e início de 70 também se destacou o bloco "Os Desajustados", que saíam com mais de mil componentes,

vestidos de pescador e que faziam muito sucesso no bairro em função das suas bonitas fantasias estilizadas de pescadores com chapéu de palha, cesto e vara de pescar. Outros blocos importantes do bairro da Liberdade foram os Barrabas, os Estudantes e os Magnatas. Outros blocos oriundos da Liberdade são o Deixa Disso, Os Guaranis, único bloco de índio do bairro; Os Protestantes, bloco que saía na Liberdade com os compositores vestidos de paletós e com a bíblias na mão.

AS ESCOLAS DE SAMBA

Na cronologia o registro mais antigo de uma pretensa Escola de Samba é da batucada Embaixada Terror do Samba que desfilou em 1941, oriunda da Liberdade. Mas é na década de 50 que surgem as Escolas de fato, quase isso, ainda com poucos integrantes, com Filhos do Tororó e Filhos do Nordeste (53) ano este em que a Escola Estrelas do Mar, do Rio de Janeiro fez uma exibição na Rua Chile, para os baianos; Escravos do Oriente (54); Filhos do Morro e Filhos do Garcia (56); Ritmistas do Samba, Mocidade e Mangueira, (57); Acadêmicos do Samba e Filhos da Liberdade (58); Acadêmicos do Morro e Juventude do Garcia (59); Embaixada União, Filhos dos Pirineus e Filhos do Ritmo (1960).

Com o surgimento dos Diplomatas de Amaralina (66) se estabelece uma forte concorrência entre as três Escolas referidas no início deste texto, sem desconsiderar o Bafo de Onça (64), do bairro da Liberdade, que também veio para disputar títulos. Então, as Escolas de Samba da Bahia desfilavam com até 2.000 integrantes, baterias de 100/150 músicos, e em média de 20 a 25 alas. Filhos do Tororó contava originalmente com um elenco de compositores onde se destacavam Ederaldo Gentil e Nelson Rufino; Juventude do Garcia agregou mais tarde Nelson Rufino e Walmir Lima e já contava com João Barroso e Reginaldo Luz, dentre outros.

Apesar de ainda carregarem elementos da cultura europeia, principalmente no figurino, as escolas de samba da Liberdade traziam, no enredo, temas ligados às raízes da cultura africana, ou afro-brasileira. Filhos da Liberdade (1958), de Mestre Dilu e Osvaldo Jiboia; Bafo de Onça (1964), de Mário Tchê Tchê Tchê, e Ritmo da Liberdade (1967-1980), de Mestre Vavá, eram as mais fortes concorrentes da Liberdade, disputando troféus com escolas de outros bairros.

O carnavalesco Carlos Conceição foi um dos integrantes das escolas Bafo da Onça e Ritmo da Liberdade, que integraram o segundo grupo do carnaval baiano. “Havia um regulamento no qual as escolas do 2º grupo tinham que vencer três carnavais para conseguir o acesso. Entre a década de 60 e 70, a Bafo de Onça foi consagrada tricampeã e subiu para o 1º grupo. O tema que garantiu o terceiro título foi A Abolição da Escravatura”, destacou Carlos.

Quando no Brasil havia escravidão,
centenas de africanos vinham parar aqui
transportados em grandes embarcações
eram tráfico feito livre sim,
mas, quando os abolicionistas procuravam melhores dias para nós,
4 de setembro de 1850,
Veio a Lei Eusébio de Queiróz.

Mas, mais tarde, veio outra lei,
28 de setembro de 1871 veio a Lei do Ventre Livre
De Visconde do Rio Branco,
herói número 1.

A festa foi a mesma com outro cenário
28 de setembro, 14 anos após
Veio a Lei de Sexagenário
Amenizando a ruína que entre nós existia
Para os que tinham mais de 60 anos,
foi um presente de imensa valia.

Três anos depois, no dia 13 de maio,
veio a Lei Áurea, meu senhor
Quando D. Pedro II estava ausente
Foi a princesa que assinou
Ela a mais bela entre as belas criaturas
Salve a Princesa Isabel
Salve a Abolição da Escravatura.

“Carlos Conceição” – A Abolição da Escravatura.

“Esse é um samba muito bonito que conta uma história em quatro versos, as

quatro etapas da Abolição da Escravatura”, disse Carlos.

Muitas outras escolas marcaram a história do carnaval de Salvador, como a Filhos do Tororó, detentora de dois títulos, e outras que encantaram desfilando pelo 1º grupo e pelo 2º grupo, mas uma morte anunciada trouxe fim aos luxos, a beleza e os batuques das baterias, com a crescente popularidade dos trios elétricos. Três escolas ainda tentaram desfilarem em 1976, mas foi sem sucesso, dando fim a um belo momento da história do carnaval da Bahia e a um início da nova fase do carnaval do Estado.

O ILÊ AIYÊ

Criado em novembro de 1974, o Ilê Aiyê – em tradução livre, Mundo Negro – foi fundado por jovens do bairro da Liberdade, formado majoritariamente por negros. Imersos no mundo da cultura negra tradicional baiana dos candomblés e sambas, os fundadores se inspiraram na “onda soul” que atravessou o país empolgando a juventude negra no final dos anos 70 e nas lutas globais de emancipação racial. Esse movimento musical foi responsável pela revolução no carnaval baiano com ritmos essencialmente africanos, favorecendo o reconhecimento de uma identidade peculiar baiana, marcadamente negra.

O MUZENZA

O Bloco Afro Muzenza nasceu em 1981 na Rua São Cristóvão (no bairro da Liberdade), teve por base o conceito histórico-literário contido no nome do bairro da Liberdade - que assim foi batizado por ter sido um dos cenários da Batalha de Pirajá, onde 80% das forças populares eram formadas por negros. O nome do bloco é um termo de origem Bantu Kikongo, equivalente à laô da nação Nagô (laô é como são designados os filhos de santo que já passaram pela iniciação no candomblé).

O BLOCÃO DA LIBERDADE

O Instituto Sócio Cultural e Carnavalesco Ibásóré Iyá, mais conhecido como Blocão da Liberdade, é uma entidade que surgiu em 1993 como um bloco de carnaval com o objetivo de difundir a cultura afro-baiana mundo afora. Como quase todos os blocos afro, o "Blocão" foi crescendo e passou a atuar também nas áreas de desenvolvimento cultural, da educação e até mesmo da saúde.

OS GRUPOS DE SAMBA JUNINO

Movimento típico de Salvador e Recôncavo, o Samba Junino (ou Samba Duro) deu contribuição ímpar para os festejos do meio do ano, ao deslocar a matriz estético-cultural da Europa para a África. Tendo o samba e não o forró como base, o movimento instituiu orquestração distinta para a festa, substituindo os tradicionais acordeons (ou rabeca), zabumba e triângulo por timbaus, tamborins e surdos dentre outros instrumentos percussivos.

O bairro da Liberdade contou, ao longo do tempo, com uma variada gama de grupos de samba junino nos quatros cantos do bairro. Alguns destes grupos foram o Negri Natural, Arte de Negros, Forroxé, Arraiá do Ganso, Os Doze Foragidos, Clarão da Manhã, Simpatia, Regionais, Samba Natureza, Samba IT, Arma Samba e, mais recentemente, o Samba da Ladeira.

Tombado desde 2018 como Patrimônio Imaterial de Salvador, pela Fundação Gregório de Mattos, o Samba Junino, que amargou mais de uma década de descaso, com os grupos reduzidos a poucos foliões mais fiéis, aos poucos tem sua importância reconhecida e cresce em espaço na cidade, com o período junino.

PRAÇAS E LARGOS

PRAÇA NELSON MANDELA

Inaugurada em agosto de 1991, um ano e cinco meses após Nelson Mandela ter sido libertado dos 27 anos de prisão na África do Sul, a praça ganhou um visual respeitável com a construção de um busto de bronze em reconhecimento à luta de Mandela contra a discriminação racial e a favor da paz. Com um senso de humanidade extraordinário, o líder negro marcou a inauguração com a alegria de sua presença. A frase que deixou gravada na peça da artista plástica Márcia Magno é uma marca identificadora do bairro: “A luta é minha vida”.

Com o amplo espaço em frente ao Plano Inclinado, e uma imagem em bronze que vale ouro, a praça é lugar cativo para os eventos e manifestações culturais do bairro. Palco das micaretas da Liberdade, o local costuma ser ponto final na saída do Ilê, no carnaval. A praça é igualmente utilizada para a missa campal, após procissão em homenagem a Santa Bárbara, organizada pela Paróquia de

mesmo nome. Em novembro, ao lado do busto de Nelson Mandela, uma das maiores referências da consciência negra, acontece a concentração da Caminhada da Liberdade, com saída da Rua do Curuzu. Promovido anualmente pelo Fórum de Entidades Negras, o evento marca o dia da Consciência Negra.

LARGO DA CENTRAL

O bar e restaurante Point da Central e as barracas instaladas ao seu redor formam um dos mais movimentados complexos de lazer da Liberdade. Uma olhada no painel do restaurante Point da Central dá uma ideia da popularidade do ambiente. São fotografias das Lavagens da Central, festa do dia das crianças, visitas da imprensa em dias de jogo entre Bahia e Vitória, e saídas de “Os dominados”, um bloco organizado pelos moradores do local para saírem juntos em festas de Salvador. O que era um largo abandonado, com lixo jogado pelos cantos, transformou-se em um dos estabelecimentos de lazer mais frequentados da Liberdade.

LARGO DO TANQUE

É passagem para quem mora no Uruguai, Baixa do Fiscal, São Caetano, San Martin e Liberdade. A centralidade se explica quando lembramos que ali existia um dique para onde escorria toda a água das terras altas ao redor, especialmente da Liberdade. Com o aterramento, acabou sendo um espaço de convivência para as pessoas que circulam entre todos esses bairros. Basta lembrar que o largo já foi ponto de encontro da capoeiragem baiana, com célebres rodas de capoeira de Mestre Valdemar, às sextas feiras. O espaço abrigou por muitos anos uma edificação com diversas lojas. Foi o primeiro shopping de Salvador. O prédio pertencia ao pai do jogador Bebeto Gama, porém há alguns anos o edifício, já em péssimas condições, foi demolido, e em seu lugar foram feitos uma extensão da praça e um melhoramento na pista. Outra característica forte do Largo é a culinária, com a famosa feijoada do Largo do Tanque.

O CURUZU

Cantado em verso e prosa, o Curuzu é uma das pérolas de identidade do povo de Salvador. Mais do que um bairro, ele é o reflexo da construção do empoderamento dos negros da capital baiana nas últimas décadas. A presença da sede do bloco afro Ilê Aiyê, no imóvel número 228 da Rua do Curuzu, deu projeção internacional ao bairro, que tem a famosa Ladeira do Curuzu como sua marca registrada.

Por muitos anos, foi conhecido com uma rua do bairro da Liberdade, mas, desde 2017, foi incluído na lista de bairros oficiais de Salvador pela força e representatividade que tem. A presença do primeiro bloco afro do Brasil na rua fez a região se consolidar com empreendimentos voltados para a cultura afro.

Recentemente, os 1,1 km de extensão da rua direta do bairro passaram por requalificação completa desde a Avenida General San Martin à Estrada da Liberdade. Foi feita a remodelação urbanística e o bairro ganhou as cores amarelo e vermelho – as mesmas da fachada da Senzala do Barro Preto, sede do bloco, que tornou a rua tão famosa mundialmente, e da fantasia carnavalesca da agremiação, nascida no final de 1974.

Mas o Curuzu vai além do bloco. Além do patrimônio cultural, preserva ainda dois dos mais importantes terreiros de candomblé do Brasil. Lá, por exemplo, há o Terreiro Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe, que foi, em 2016, o primeiro a ser tombado com base na Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Salvador. O Terreiro Vodun Zo é, de acordo com a Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia (AFA), o único da nação Jêje Savalu que mantém os ritos originais da linhagem, assim como o dialeto africano Ewe-Fon, preservado nas expressões e cânticos da comunidade. O terreiro, que é regido por Xangô, ocupa uma área de 2.400 m², o que representa a maior área verde do Curuzu. No terreiro, há uma fotografia feita pelo fotógrafo francês Pierre Verger, que foi doada ao terreiro em 2018. A obra que está lá é a fotografia Elégùn de Oxumaré feita em Savé, na África.

Outro importante terreiro de candomblé que ajuda a escrever a história do Curuzu foi fundado em 1952, o Ilê Axé Jitolu, comandado até 2009 por Mãe Hilda de Jitolu. Mãe Hilda foi, até seu falecimento, uma das grandes incentivadoras e líder espiritual do bloco Ilê Aiyê, que nasceu entre os filhos e

filhas de santo do seu terreiro. Seu filho, Antônio Carlos dos Santos, o Vovô do Ilê, é o atual presidente do bloco.

O terreiro, que também é da nação jeje – savalú, é comandado atualmente por Mãe Hildelice Benta dos Santos, que é filha biológica de Mãe Hilda. Todo mês de janeiro, acontece a grande festa do terreiro em homenagem a Oxalá. Outro momento importante do ano para o terreiro é a festa para Obaluaê, santo protetor do terreiro, que acontece em agosto.

O sábado de Carnaval é um dos momentos mais especiais do ano no bairro do Curuzu. É o dia em que acontece a tradicional “Saída do Ilê” da sede do bloco Ilê Aiyê para desfilarem no circuito oficial da folia no Campo Grande. O momento reúne artistas, políticos, turistas e a comunidade do Curuzu, que fica nas janelas de casa para ver “o Ilê passar” pela rua do bairro.

Para se ter uma ideia da visibilidade dessa noite, grandes estrelas mundiais já participaram desse momento, a exemplo da top model internacional inglesa Naomi Campbell. Os associados do bloco carnavalesco – que é exclusivo para o desfile de pessoas negras – têm esta noite de sábado como a mais especial do Carnaval.

DEPOIMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA LIBERDADE

“Liberdade. Ali era a estrada das boiadas. O boi que descia do sertão era comercializado na feira do Capuame, feira de gado, Capuame, que depois mudou o nome para Dias D’Ávila, hoje é a cidade de Dias D’Ávila, ali estava a feira do gado. Esse gado era trazido para o abate. O abate da cidade estava onde hoje é o terminal da Barroquinha, ali é que era o matadouro da cidade. Por isso que o rio se chama de rio das Tripas, porque os dejetos, as sobras do sacrifício dos animais eram jogadas no rio das Tripas. O rio das Tripas está lá, a Baixa dos Sapateiros não existia, ela era um rio que foi canalizado, você anda por cima do extradorso da abóbada que cria a Baixa dos Sapateiros, o rio das Tripas está lá. Então, este gado vinha pela estrada que você chama da Liberdade, que era a estrada das boiadas. Em 1823, por ali entrou o exército libertador e então, a estrada das boiadas passou a ser chamada estrada da Liberdade.” (Cid Teixeira)

“Recentíssimo. Eu que estou falando aqui, sou do tempo em que a Liberdade eram quatro ou cinco roças, roças com bois e vacas e essas coisas. Essa

concentração de negritude na liberdade é coisa de cinquenta ou sessenta anos para cá, não é muito antiga, não. Outros bairros se embranqueceram, por exemplo, um bairro onde só tinha negro mesmo, que era o Caxundé; hoje ninguém mais sabe nem onde é o Caxundé quanto mais falar em negro lá dentro. Corresponde hoje ao Jardim de Alá, ali, na Pituba. O trator chegou, urbanizou tudo, fez casinhas bonitinhas e acabou com a negritude de lá. A Liberdade não tem essa história negra, não; eram roças. Seu Chico Mãozinha era dono de tudo o que é hoje, Corta braço, Pero Vaz era a roça dele e eu conheci, eu estive lá, na roça dele, eu que estou aqui; portanto, não é coisa do século XVII, não. Eu vi, andei lá, como andei na Pituba com medo das vacas, com medo dos bois correndo atrás da gente.” (Cid Teixeira)

"Cheguei na Liberdade com meus pais em 1930. Tinha sete anos. Isso aqui tinha todas as aparências de quilombo, desses que você só ouviu falar. (...) Todos os moradores eram negros. Algum escravizado liberto, tinha muitos que eram africanos mesmo, mas a maioria eram filhos deles, os filhos da escravidão." (Mãe Hilda Jitolu)

Comunidade do Ilê Aiyê – Curuzu "Na Liberdade comecei a aprender a ser eu mesmo, a perceber o que é ser negro. Vi que eu fazia parte de uma comunidade não privilegiada, ou melhor, totalmente desfavorecida. Percebi que para ser alguém eu iria ter que ralar pesado ou então dançar. E acabei dançando!"

(Zebrinha - Balé Folclórico da Bahia)

"Eu vejo um futuro melhor. Vejo pessoas inquietas, questionando uma cidade e essa cidade vai ter que dar uma resposta a essas pessoas. Vejo adolescente que se mobilizam e se interligam, sabem que não podem andar sozinhos e que vão dar uma cara nova a essa cidade." (Lucy Antônia - Grupo Integrado de Adolescentes GIA - Liberdade

)

“A maioria das pessoas inclusive aqui do bairro não sabe que no Queimadinho existe um prédio histórico onde foi visitado pelo imperador Pedro II e era lá que funcionava a primeira estação de tratamento de água das Américas. A Fonte do Queimado. No passado como não existia o encanamento, não existia um sistema de abastecimento estruturado, as pessoas daqui como da maioria

das partes da cidade de Salvador se servia das fontes. Essa é a nossa maior fonte aqui da região que é a Fonte do Queimado que ainda funciona. Outra coisa é que a Liberdade foi durante 11 anos local de trabalho de Irmã Dulce que antes de descobrir a vocação religiosa foi professora no Abrigo Filhos do Povo, fundado em 1918 pelo pai dela Augusto Lopes Pontes.” (Seu Adelmo Souza).

CURIOSIDADES

Muita gente não sabe, mas a Liberdade foi durante 11 anos local de trabalho de Irmã Dulce que antes de descobrir a vocação religiosa foi professora no Abrigo dos Filhos do Povo, fundado em 1918 pelo pai dela, Augusto Lopes Pontes. O abrigo funciona até hoje no prédio com arquitetura intacta. Atualmente o prédio é a Escola Municipal Abrigo dos Filhos do Povo. Um retrato da riqueza escondida também nas ruas, nos casarões e nas memórias de quem vive no bairro.

IGREJA DE SANTA BÁRBARA

A igreja de Santa Bárbara, na rua Lima e Silva, foi a primeira Igreja Brasileira da Liberdade (a primeira de Salvador foi fundada no Baixo do Bonfim, a Paróquia Nossa Senhora da Glória), fundada pelo Monsenhor Valdir Guimarães do Espírito Santo. Com a intensa participação popular, a igreja já não comportava mais tanta gente. Para atender a demanda, Dom Valdir fundou a igreja de São Roque, em 1975, que, mais tarde, vem a ser a Igreja de São Lázaro. Em 1976, Dom Valdir faleceu e Dom Miguel assumiu a administração, juntamente com a viúva de Dom Valdir (a igreja brasileira permite o casamento entre os padres). A igreja continuou com o Padre Josivaldo, que depois deixou a função por motivos judiciais, e fundou outra igreja de São Roque na ladeira de São Cristóvão. Em 1977, Janete deu continuidade às atividades da igreja com padre Jorge, só que com São Lázaro como padroeiro da paróquia. Em 1989, a igreja desvinculou-se da Igreja Brasileira e se ordenou como Igreja Católica Apostólica Ortodoxa do Brasil. Com o falecimento de D Miguel em 1º de Julho de 1998, assume a administração sua esposa Janete, após ser ordenada presbítera, em janeiro de 1990, como a primeira mulher a celebrar uma missa.

CINE BRASIL

Inaugurado em 1959 pelo espanhol Júlio Juncal, o Cine Brasil teve momentos de glória como uma das mais tradicionais salas de projeção de Salvador. O cinema resistiu até 1979, mas, com a crise do cinema baiano na década de 70, foi fechado. No espaço já funcionaram desde comitês políticos até danceterias. Quando da tentativa de transformar o memorável Cine Brasil em supermercado, a população se mobilizou. Com o apoio da rádio comunitária Serviço de Som da Liberdade, e do diretor do Colégio Caxiense, 3.000 pessoas fizeram um abaixo-assinado que pressionou o governo do estado a transformar o Cine Brasil num espaço cultural de utilidade pública.

RÁDIO SERVIÇO DE SOM DA LIBERDADE

Pelo aspecto do prédio, a rádio comunitária da Liberdade é bastante antiga. Os alto-falantes, marca da sonoridade do bairro, estão em toda parte, mas a sede é um pouco difícil de achar. Em uma sala apertada no primeiro andar do 339, ponto nevrálgico da Lima e Silva, Reginaldo Souza, que opera o serviço há 20 anos, não sabe dizer ao certo quem a fundou. A rádio estava em decadência quando Reginaldo assumiu. Atualmente, com o serviço de alto-falantes, com 18 a 20 unidades de som, um aparelho minis system, uma mesa e uma potência, funciona com o dinheiro de anúncios do comércio local. O repertório é eclético e o noticiário é feito com base nos jornais A Tarde e Tribuna da Bahia, que a rádio recebe gratuitamente. Além dos serviços de utilidade pública que oferece, a rádio divulga todos os eventos populares do bairro. Reginaldo Souza colaborou com o movimento que resultou na transformação do Cine Brasil em Centro Cultural. Com o apoio de Carlos Melo, ex-diretor do antigo Colégio Caxiense, que cedeu as bancas e o pessoal, a campanha na rádio ajudou a levantar 3.000 assinaturas. O movimento evitou que o Cine Brasil fosse transformado em supermercado.

JORNAL BOCA DA LIBERDADE

Coordenado pelo músico Geraldo Geiger desde 1997, o Jornal Boca da Liberdade é um informativo bimensal criado com o objetivo de informar a população sobre temas diversos e acontecimentos do bairro. O jornal tem se destacado enquanto um espaço de visibilidade de projetos sociais e culturais

do bairro. Geiger, que também é um dos principais articulistas do informativo, mantém uma coluna sobre Música, na qual procura divulgar os movimentos musicais que influenciaram os artistas da Liberdade. De caráter puramente informativo, o jornal se mantém sem anúncios publicitários e com o apoio da comunidade.

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL LINHA OITO – ACL8

Situada na Rua General Savaget, foi fundada em 16 de agosto de 2005, por filhos da Liberdade, profissionais de diversas áreas, que se reuniram com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento social do bairro. É uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos, direcionada para o segmento da arte-educação de crianças, adolescentes, crianças, adolescentes, jovens e adultos e idosos do bairro da Liberdade e adjacências. A ACL 8 atua no bairro que concentra uma das maiores parcelas de afrodescendentes da capital. O bairro possui milhares de adolescentes e crianças, jovens e adultos carentes de formações artísticas e culturais, assim como carentes de espaços onde possam exercer atividades de práticas esportivas. O perfil populacional dos moradores do bairro da Liberdade e adjacências está inserido nas classes C, D e E. Nesses espaços encontra-se o público-alvo do projeto, oriundos de famílias beneficiárias de programas sociais como o Bolsa Família.

FONTE DO QUEIMADO

A Fonte do Queimado ou Parque do Queimado, localizada entre a Lapinha e a Caixa d'água foi durante muitos anos a principal fonte de abastecimento de água em Salvador. O Parque do Queimado é um prédio histórico, tombado pelo Iphan desde 1937.

Referências

- Lima, Geraldo. O carnaval de Salvador e suas escolas de samba. Disponível na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato; Acervo de periódicos da Biblioteca Central do Estado da Bahia

- http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=7&cod_polo=37
- <http://www.vertentes.ufba.br/bairro-liberdade>
- <https://www.salvordabahia.com/experiencias/historias-dos-bairros-de-salvador-curuzu/>
- <https://liberdatenossobairronossaidentidade.wordpress.com/>
- <http://liberdadesalvador.blogspot.com/2011/09/quando-comecou.html>